

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

**INTERACIONISMO E INTERDEPENDÊNCIA: UMA BREVE ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS PARA A HISTÓRIA SOCIAL**

Deivy Ferreira Carneiro  
Mestre e Doutorando em História Social pelo PPGHIS/UFRJ.

O objetivo deste ensaio é analisar as perspectivas interacionistas de Norbert Elias, sociólogo alemão que em muito revolucionou a percepção das relações entre os indivíduos na formação de grupos e sociedades como um todo. Buscaremos perceber como conceitos tais como *configuração*, *habitus*, *interdependência*, *engajamento*, *grupo central carismático*, entre outros, podem ser úteis para a compreensão das atitudes e ações de grupos sociais. Da mesma forma, procuraremos perceber como tais conceitos podem ser utilizados nos trabalhos de historiadores preocupados em compreender o processo através do qual os atores sociais interagem e formam sistemas observáveis. Por último, na conclusão, estaremos mostrando algumas possibilidades de utilização de alguns conceitos desse autor em nosso trabalho de doutorado, pautado principalmente na utilização de processos criminais de calúnia e injúria.

Filho de judeus alemães, Norbert Elias nasceu em Breslau em 1897. Antes da conversão para a sociologia, estudou medicina e filosofia nas universidades de Breslau e Heidelberg. Lecionou na Inglaterra por quase 20 anos, mas teve como “base” a universidade de Amsterdã onde lecionou por mais de 30 anos<sup>1</sup>.

A relevância de Elias para a História Social é percebida no aparato temático e conceitual que ele oferece. Formulador da teoria do processo civilizador, na qual a “civilização” européia teria surgido pela interiorização das limitações e autocontrole dos impulsos, sob o efeito das transformações provocadas pela formação do Estado Moderno e da curialização das elites, Elias concebeu um modelo geral para abordagem de processos de longa duração; a defesa da teoria dos processos entrelaçada com uma teoria das configurações; a percepção dos micro-fenômenos conjugados com a macro-sociologia (face e contra-face de um mesmo processo social, que somente podem ser entendidas de forma

---

<sup>1</sup> Para maiores informações a respeito da vida pessoal e da formação e atividades intelectuais de Elias ver: ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

relacional); a formulação de modelos de jogos e formas de jogos; a retomada da relação de indivíduo e sociedade, entre outros.

Em Elias temos a busca das inter-relações e interdependências que lhe permitem assim, trabalhar com um conceito de sociedade que é, na verdade, uma rede de relações; um todo relacional, ou seja, o social é concebido como um sistema de relações entre grupos e indivíduos interdependentes.

Cuidando para não “congelar” os relacionamentos sociais, nenhum deles sendo capaz por si só de provocar um efeito dominó sobre os rumos da transformação da formação social em seu conjunto, Elias não se prende ao “O determinismo”, tão clássico nas ciências sociais, mas sim em uma concepção de múltiplos e interpolados determinismos influenciando a morfologia dos grupos sociais<sup>2</sup>.

Se para Georg Simmel, outro sociólogo alemão interacionista, o conceito de sociação permite perceber a natureza da sociedade que está em jogo, Elias se utilizada do conceito interdependência.

*“O entrelaçamento das dependências dos homens entre si, suas interdependências são o que os ligam uns aos outros. Elas são o núcleo do que é aqui designado como figuração, como figuração dos homens dependentes uns em relação aos outros. Como os homens são – inicialmente por natureza, e então mediante o aprendizado social, mediante educação, mediante a socialização, mediante as necessidades despertadas socialmente – mais ou menos mutuamente dependentes entre si, então eles, se é que se pode falar assim, só existem enquanto pluralidades, apenas em figurações. Esta é a razão pela qual, como já foi dito, não é muito proveitoso se compreender como imagem dos homens a imagem dos homens singulares. É mais adequado quando se representa como imagem dos homens uma imagem de vários homens interdependentes que formam figurações entre si, portanto grupos ou sociedades de tipo variado. A partir desse fundamento desaparece a discrepancia das imagens tradicionais de homens. [...] a sociedade é o próprio entrelaçamento das interdependências formadas pelos indivíduos”<sup>3</sup>.*

Essa questão da interdependência das pessoas na teia social é longamente tratada por Elias, como uma cadeia ininterrupta de ações que associam os indivíduos em uma trama complexa de relações que as ligam a diversos grupos os quais, por sua vez, podem ser interdependentes ou não. É esse conjunto de possibilidades significativamente diferentes de ligações - que conferem uma flexibilidade às relações sociais - que muitas vezes dão a ilusão de poderem ser compreendidas em sua dinâmica restrita das relações face a face, supondo a essas um grau de autonomia, o qual dificilmente elas podem alcançar.

Para Elias é a interdependência que fornece o lastro para a concepção do todo relacional. A metáfora do jogo aparece como um modelo para a percepção das

---

<sup>2</sup> MICELI, Sérgio. “Norbert Elias e a questão da determinação”. In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 113-128.

<sup>3</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes**. Vol.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. pp. LXVII-LXVIII.

interdependências, interferências e entrelaçamentos que ligam os homens em suas variadas e infinitas relações. No jogo os participantes medem suas forças entre si a cada instante, ao se relacionarem uns com os outros<sup>4</sup>.

Quanto mais diferenciada a sociedade, maior o adensamento das interdependências, que são funcionais precisamente porque exprimem o caráter relacional que dá corpo e densidade ao “todo”. O tecido das relações humanas, que o conceito de figuração quer exprimir, é uma rede de jogadores interdependentes. O que Elias faz é tornar em suas análises as relações mais complexas, mais diferenciadas, com mais jogadores, regras mais sofisticadas, criando-se interdependências cada vez mais densas, até o limite do jogo da sociedade: um jogo de inúmeras pessoas em inúmeros planos<sup>5</sup>.

Nos trabalhos de Norbert Elias, temos uma sociologia dos grupos sociais, preocupada com relações – de tensão e poder – que se estabelecem intergrupos e intragrupos. É por isso que vemos em suas obras o conflito desempenhando um papel fundamental. No segundo volume do processo civilizador Elias mostra a todo o momento que são os conflitos, as lutas e as tensões os elementos que estruturam o todo, seja o social, seja o individual<sup>6</sup>. Para ele, o conflito eclode, pois sendo os seres humanos naturalmente diferentes entre si, eles necessariamente se relacionam uns com os outros de modo conflituoso. O conflito seria para ele inerente às relações sociais. Assim, as teorias das “relações entre os homens” não poderiam prescindir daquilo que faz a sociedade, sociedade e dos homens, homens: o jogo das forças que constituem as relações humanas.

Em Elias o social é um conjunto de relações. O grupo é um todo relacional. O que o constitui é o conjunto das relações que se estabelecem, em todo o momento, entre o conjunto de elementos que o compõe. Essas relações estão sempre em processo, isto é: elas se fazem e desfazem, se constroem, se destroem, podendo ou não ser reconstruídas ou rearticuladas. A cada instante as relações se atualizam ou se esgarçam ou se fortificam. A primeira decorrência disso vai ao encontro dos conceitos de indivíduo e sociedade presentes nos três autores analisados. Indivíduos em si e sociedade em si são mitos. Somente existe indivíduo na sociedade e sociedade no indivíduo. Ambos estão num fazer-se constante; são interdependentes. Para ambos o que realiza a sociedade são as relações que se estabelecem entre os singulares, infindáveis e em eterno processo.

Metodologicamente falando, Elias procura perceber como as interações possibilitam o acesso a configurações e assim adentrar na teia de interações do todo. Assim, é através da utilização do conceito de interação que é possível se adentrar no tecido da sociedade, na

<sup>4</sup> WAIZBORT, Leopoldo. “Elias e Simmel”. In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 89-112.

<sup>5</sup> ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições setenta, 1986. pp. 87 e seguintes.

<sup>6</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização**. vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. pp. 387.

rede de entrelaçamentos, dependências e interferências que constituem grupos e sociedade como tais.

É por isso que mesmo enfatizando o caráter diacrônico em suas pesquisas, o sociólogo de Breslau mostra sua predileção em vários estudos pelas interações entre os homens em nível micro: para ele o procedimento analítico consiste em perceber a circularidade das interações.

Outro conceito formulado por Elias e que possui enorme proveito para a análise de grupos é o de engajamento. Essa noção mede o grau em que a pessoa está afetada – interessada, emocionada, tocada – pelo mundo exterior, quer este mundo se manifeste sob a forma de um ser vivo (humano ou animal), de um objeto, de um fenômeno social ou natural. De acordo com o distanciamento do ator à determinada situação, a sua reflexão permite uma ação mais adaptada, ao contrário, um alto grau de emoção produz um efeito de paralisia das capacidades de discernimento intelectual e de reação prática. Desta maneira, é o autocontrole das emoções que permite ao indivíduo o controle (relativo) do mundo exterior<sup>7</sup>. Contudo, um dos conceitos mais importantes do arcabouço elisiano ainda não foi apresentado. Trata-se da *configuração*, conceito de suma importância para escaparmos da dicotomia indivíduo/sociedade, e que está intimamente ligado com o conceito de interdependência.

O conceito de *configuração* difundido nos trabalhos de Norbert Elias enfatiza as ligações entre mudanças na estrutura da sociedade e mudanças na estrutura de comportamento e na constituição psíquica, pretendendo escapar do monismo sociológico que dicotomiza indivíduo (encapsulado) e sociedade (ente externo), assim como a tendência parsoniana de pensar a estrutura social como “estado” em equilíbrio ou “sistema social”. Como contraponto à noção de “estado”, Elias pensa “processo” ou “evolução”, mas não no sentido de uma necessidade mecânica ou de uma finalidade teleológica, mas sim para lembrar que a sociedade está sempre em mudança estrutural, o que significa um equilíbrio sempre tenso entre suas partes. Fazem parte da *configuração* os jogos de distinção social e os graus de controle de impulsos, cuja dinâmica está relacionada ao modo como se avançam as relações de interdependência com a divisão do trabalho na sociedade.

A noção de *configuração* possibilita que se pense a relação entre controle de instintos e impulsos instintivos não a partir de metáforas espaciais como “dentro” e “fora”, “casca” e “cerne”, pois, tal como a natureza, o ser humano não tem núcleo ou casca. Tais metáforas não podem ser aplicadas à estrutura da personalidade, pois todo complexo de tensões – sentimentos e pensamentos, espontaneidade e comedimento – consiste em *atividades humanas*. Deste modo, como alternativa aos habituais conceitos-substância

---

<sup>7</sup> ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Passim.

“sentimento” e “razão”, Elias prefere o conceito de *atividade*<sup>8</sup> que, além de ajudar a superar o monismo sociológico, possibilita livrar as investigações sociológicas de idéias preconcebidas que pensam a realidade a partir do que ela *deve ser* e não a partir do que é<sup>9</sup>.

No prefácio feito por Roger Chartier à obra “Sociedade de Corte”, são destacadas algumas idéias que, a meu ver, são recorrentes em todas as análises sociais de Elias: “interdependência”, “grupo central carismático” (parâmetro dos jogos de distinção), “equilíbrio móvel de tensões” e “evolução da configuração social”<sup>10</sup>. Para ilustrar seu viés analítico, Elias prefere usar a metáfora da dança ao final do prefácio de 1968 em “Processo Civilizador”, em vez da metáfora do jogo de cartas apontada por Chartier. Ambas as metáforas servem bem ao propósito de demonstrar uma visão dinâmica das estruturas sociais que escapa completamente da sociologia orientada para a idéia de “estado”: a dança não tem existência própria “fora” dos dançarinos – portanto, a dança não é uma “substância” externa aos sujeitos que a praticam, o que claramente nos afasta da idéia de “utensilagem mental” –; o comportamento individual de cada dançarino está orientado *pela configuração das interdependências*, o que se correlaciona com o *modo como diferenciam e integram as suas posições*. É nesse sentido que Elias define como ponto de partida para o estudo da configuração estatal da sociedade as redes de interação e os processos que tornam os homens interdependentes, pois tudo isso indica como as estruturas de personalidade dos seres humanos mudam em conjunto com as transformações sociais relacionadas ao surgimento do Estado<sup>11</sup>. Desde 1936, uma pergunta fazia eco nas análises de Elias: Que *dinâmica de interdependência humana* pressiona para a integração de áreas cada vez mais extensas sob um aparelho governamental relativamente estável e centralizado?<sup>12</sup>

Voltemos agora para o que Chartier chamou de “grupo central carismático” como uma das constantes analíticas de Elias, pois tal noção pode ser empregada em diferentes escalas, como demonstram os próprios trabalhos de Elias. A idéia da natureza ou valor excepcionais de um agrupamento humano serviu freqüentemente como legitimação de sua reivindicação de liderar e subordinar outros. Embora um “grupo central carismático” só tenha sentido num jogo de interdependência e distinção com os outros grupos a que subordina materialmente e/ou simbolicamente, quanto maior é a força social do “grupo central carismático” (e, portanto, menor é a pressão vinda de baixo), muito mais franco e aberto é seu senso de domínio e desprezo pelos demais e, portanto, muito menos forte é a pressão para praticar a moderação e controlar seus impulsos. Não sem sentido, Elias associa o processo de civilização ao avanço da interdependência condicionado pelo grau de divisão

<sup>8</sup>Idem. pp. 247.

<sup>9</sup>Idem. pp. 223-226.

<sup>10</sup>CHARTIER, Roger. “Formação Social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador”. In: ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. pp.7-25.

<sup>11</sup>ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes...** op. cit. pp.250.

<sup>12</sup>Idem. pp.16.

do trabalho na sociedade, pois isso contribui para que novos agrupamentos sociais possam concorrer entre si por distinção carismática, seja visando ocupar as mesmas posições antes restritas a alguns, seja visando criar suas próprias vias de destaque social em contraponto ou paralelamente a uma posição carismática precedente<sup>13</sup>.

Como vimos acima, Elias em vários momentos se utiliza da metáfora dos jogos para explicitar duas questões. Imaginando um jogo qualquer ele torna compreensível que pode haver “regras”, ou seja, princípios de ordem, estruturas de organização da ação, sem que haja necessariamente um objetivo designado ou uma previsibilidade do desenrolar do jogo: sabe-se como os jogadores jogam, sem ter que supor que eles joguem em função de um objetivo determinado, e sem saber como se acabará a partida. E é da mesma maneira – explicitando as regras ou as regularidades que orientam a interação em sociedade, sem, no entanto “explicar” pela busca do objetivo, justificar por valores nem prever por meio de prognósticos – que a Sociologia (no nosso caso, a História Social) pode tornar estes processos cegos e incontroláveis, mais acessíveis ao entendimento humano<sup>14</sup>.

Um dos trabalhos mais produtivos para a História Social escrito por Elias é o livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*<sup>15</sup>. Trata-se de um modelo de análise formulado em um estudo de comunidade realizado nos anos 60 no povoado inglês de Wiston Parva. Nesse estudo o objetivo de Elias e Scotson era perceber os princípios de diferenciação social que dividiam os moradores do povoado e faziam que os indivíduos e grupos de *status* mais elevado fossem representados como os melhores, enquanto as famílias e indivíduos de *status* mais baixo acabavam sendo estigmatizados, fazendo com que eles se sentissem inferiores. De acordo com Elias, o único meio de distinção entre eles estava dado em um princípio de antiguidade: uns moravam nesse povoado bem antes que os outros – os antigos moradores eram os estabelecidos, enquanto os novos era os outsiders. De acordo com as análises de Elias, entre ambos os grupos estabelecia-se uma relação de interdependência. A rejeição entre eles era um elemento crucial na formação da identidade de cada um.

Essa reflexão sobre essa configuração específica possibilitou a formulação da mais sofisticada teoria elisiana do poder: uma teoria das relações de poder, na qual a hierarquia social e, consequentemente, a desigualdade, é também uma questão de opinião, discurso e aceitação de ambos, já que para ele o *status* é inseparável da representação sobre o *status*<sup>16</sup>.

Tem-se nesse trabalho um exemplo empírico de formação de hierarquias entre superiores e inferiores, em que a desigualdade não é imposta por relação de violência ou de

<sup>13</sup>ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes...* op. cit. pp.23-64.

<sup>14</sup>ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

<sup>15</sup>ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>16</sup>Para maiores detalhes, ver o capítulo “Considerações sobre o método.” In: ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders...* op. cit.

poder, e em que ela não é mais justificada por características objetiváveis, pois não existe diferenças de renda, raça ou escolaridade; ela não é por isso menos profundamente interiorizada, inclusive por aqueles que são vítimas desta mesma desigualdade. Esse método é extremamente útil em situações onde existe uma tendência não somente de construir e manter relações de desigualdade, mas também de legitimá-las, explicando-as por diferenças de valor individual<sup>17</sup>.

Essa monografia de Elias nos fornece assim subsídios, ou melhor, um modelo geral para o estudo de qualquer relação de dominação hierárquica, permitindo analisar em detalhes o funcionamento dos mecanismos de segregação, de exclusão ou simplesmente de desigualdade entre homens e mulheres, entre heterossexuais e homossexuais, entre etnias diferentes, etc. Além disso, Elias nos mostra como ir além da teoria marxista mais clássica, indicando que a discriminação apoiada nas diferenças de recursos econômicos é apenas um caso particular dos processos de segregação, distinção ou de estigmatização<sup>18</sup>.

Além de sua formulação de uma teoria do poder a partir da análise da configuração de relações entre grupos “estabelecidos e outsiders”, temos também em Elias, para entender os processos de politização violenta da vida social, a teoria conhecida como *double-bind*, utilizada para o estudo dos mecanismos de legitimação do uso da força e da constituição das identidades individuais e grupais em processos de uso crescente da força<sup>19</sup>.

A teoria do *double-bind* descreve os elementos que são inherentemente contraditórios: a identidade de um indivíduo ou de um grupo é e não é; ela tem, ao mesmo tempo, atributos positivos e negativos que sempre dependem das posições relativas de indivíduos e grupos, e dos seus pontos de vista. Esta teoria é muito interessante para Elias formular suas concepções a respeito da violência e do conflito.

Elias critica as perspectivas mais comuns nas ciências sociais que vêm a violência como algo oposto ao tempo de paz, ou seja oposto à normalidade. Elias critica assim a visão na qual a violência pressupõe estados de desintegração, opostos a sistemas sociais bem integrados – visão extremamente funcionalista. Para Elias, a pacificação não é um processo unidirecional, ainda menos um valor absoluto pois a consagração de certos aspectos em detrimento de outros como verdadeiros traços de uma nação se realiza não só por intermédio de formas suaves de violência (escola, disciplina do trabalho, etc.) mas também por meio de derramamento de sangue. Na verdade, para Elias, longe de normais,

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Respectivamente presentes em: ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. & ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

os estados de paz são temporários e frágeis<sup>20</sup>. Elias entende por violência a utilização da força física na regulação das relações sociais<sup>21</sup>.

Em suma, conseguimos perceber através desses dois conceitos o principal sentido das análises de Elias: a dinâmica de atração e de repulsão entre os grupos estabelece uma situação de interdependência e conflitos crescentes.

Por último cabe ressaltar, no que diz respeito a utilização da psicologia, Elias se afasta em boa medida da psicanálise e de Sigmund Freud, dando mais ênfase que este à dimensão histórica e coletiva das experiências individuais. Seu estudo do processo civilizador mostra que “instâncias” aparentemente enraizadas na natureza psíquica individual como o id, o ego e o superego, estão submetidas a uma “evolução” histórica. Ou seja, Elias elabora uma espécie de psicologia histórica, integrando ao mesmo tempo, a existência do inconsciente e da história<sup>22</sup>.

Como dissemos na introdução, estaremos utilizando o espaço da conclusão para elucidar a aplicabilidade dos conceitos expostos em nosso trabalho. Para isso estaremos, resumidamente, trazendo à tona alguns dos conceitos já explicitados e buscaremos relacioná-los com nosso trabalho.

Como vimos acima, uma das questões inovadoras nas obras de Norbert Elias é a maneira como ele trata a questão do espaço relacional, ou seja, o sistema de coordenadas que definem a situação dos seres humanos, uns em relação aos outros, em dado momento no tempo<sup>23</sup>. Os conceitos centrais das suas obras – configuração e interdependência – permitem pensar o princípio básico do porque os indivíduos estão ligados entre si, constituindo figurações dinâmicas específicas.

A configuração seria uma formação social, cujas dimensões podem ser muito variáveis (uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma nação), em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas (interdependências). Nesse modo de ver a sociedade, o indivíduo está inscrito em uma cadeia de interdependência que o liga a outros homens e que limita o que lhe é possível decidir ou fazer<sup>24</sup>. Elias coloca então como centrais as redes de dependências recíprocas que fazem com que cada ação individual dependa de toda uma série de outras, porém

<sup>20</sup> NEIBURG. Frederico. “O nacionalismo das ciências sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social.” In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 37-62.

<sup>21</sup> ELIAS, Norbert. **Os Alemães...** op. cit. pp.171-203.

<sup>22</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização...** op. cit. pp. 225-241.

<sup>23</sup> Ver especialmente: ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. “Formação Social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador”. In: ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. pp. 13.

modificando, por sua vez, a própria imagem do jogo social<sup>25</sup>. Nesse sentido, a interdependência é entendida como essa relação “eu - nós”, ou seja, uma maneira de se pensar o mundo social como uma rede de relações inter-pessoais<sup>26</sup>.

Assim, é a modalidade variável de cada uma das cadeias de interdependências que define a especificidade de cada formação ou configuração social, quer ela se situe em escala macroscópica das evoluções históricas, quer naquela mais simples, situadas em uma mesma sociedade. Daí uma maneira de pensar as relações intersubjetivas não através de categorias psicológicas que supõe as categorias individuais como invariáveis e consubstanciais à natureza humana, mas em suas modalidades historicamente variáveis, diretamente dependentes das exigências próprias de cada figuração social.

A sociedade juizforana entre 1854 e 1941 será compreendida como uma ou várias formações sociais nas quais são definidas de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e em que as dependências recíprocas que ligam os indivíduos e os grupos uns aos outros engendram códigos e comportamentos originais. Desta maneira, caracterizando essas configurações sociais a partir da rede específica das interdependências que aí ligam os indivíduos uns aos outros, buscaremos compreender diretamente, em sua dinâmica e sua reciprocidade, as relações mantidas pelos diferentes grupos e, com isso, evitar a utilização de representações simplistas da dominação social ou da difusão cultural.

Neste sentido, a utilização do conceito de interdependência nos permitirá estudar em detalhes os funcionamentos dos mecanismos de segregação, de exclusão ou simplesmente de desigualdade. A distinção, nesse tipo de relação, apóia-se no vínculo de oposição entre os grupos considerados interdependentes.

A partir disso, entendemos que os membros de um grupo ofendem e denigrem os membros de outro grupo não somente por suas qualidades individuais, mas, sobretudo devido à sua vinculação a um grupo que eles julgam coletivamente diferente do seu, logo, inferior. Somente conseguiremos explicar a natureza das ofensas levando em conta a representação formada pelos grupos concernidos ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência. Partimos da dependência do indivíduo em relação à posição e à imagem dos grupos aos quais ele pertence, a identificação profunda dos primeiros em relação aos

<sup>25</sup> De forma didática, Elias se utiliza da ação desenvolvida em um diálogo qualquer para demonstrar metafóricamente o funcionamento de dependências recíprocas. Da mesma forma que em uma conversação ininterrupta, as perguntas provocam as respostas do outro e vice versa, e da mesma forma cada elemento da conversação não veio de um ou de outro interlocutor tomado isoladamente, mas nasceu precisamente da relação entre os dois e quer ser entendido assim, desta mesma forma, o viver dos outros faz nascer no indivíduo certos pensamentos, convicções, reações afetivas, necessidades e traços de caráter que lhe são totalmente pessoais, que constituem seu verdadeiro “eu”, e por meio dos quais se expressam, então, ao mesmo tempo, o tecido de relações de onde ele veio e aquele em que ele está inscrito”. In: ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994. pp. 29-30.

<sup>26</sup> Cf.: ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos...** op. cit., Partes II e III.

segundos na avaliação dos outros e seu amor-próprio. A depreciação coletiva de tais grupos, atribuída por grupos mais poderosos tem, em geral, raízes profundas na estrutura da personalidade de seus membros: ela faz parte de sua identidade individual e, desta forma, não é fácil desfazer-se dela. Não se poderia receber o aval do grupo sem se submeter às suas normas. Qualquer desvio, real ou suposto, termina com uma perda de poder e uma diminuição de seu *status*. Partimos então do pressuposto que somente a interdependência entre dois ou mais campos permite explicar o encadeamento de seus atos. Ainda que essa interpenetração de ações seja não normatizada, este processo não deixa de possuir uma estrutura que a análise pode descobrir.

Também estaremos utilizando a noção de *habitus* de forma similar àquela desenvolvida por Norbert Elias<sup>27</sup>, conceito este que não relacionamos no corpo do trabalho. Esta noção nos permitirá fazer a ligação entre a individualidade e a sociedade, descrevendo a maneira como são individualmente incorporadas as modalidades de percepção e de ação coletivamente desenvolvidas no sistema de interações. Esse conceito serve então, para evidenciar a dependência do indivíduo em relação aos comportamentos, ao mesmo tempo apreendidos e próprios do grupo que pertence, que não estão relacionados somente com a livre escolha; mostrando-nos então que as emoções e as disposições vividas no nível individual são devidas também a processos coletivos de incorporação, amplamente inconscientes. O *habitus* vai então, dos comportamentos mais aparentemente individualizados, aos mais compartilhados pelos outros membros de um grupo. O *habitus* seria assim concretização das relações efetivamente praticadas entre níveis muito heterogêneos da experiência, desde a competência geral para a interação inscrita no espaço possível da vida social, até o desempenho produzido pelos indivíduos em situações específicas.

---

<sup>27</sup> Esse conceito aparece desenvolvido em ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos...** op. cit., pp. 150-3, e é aplicado sistematicamente em ELIAS, Norbert. **Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

**Bibliografia:**

- CHARTIER, Roger. "Formação Social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador". In: ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001. pp.7-25.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.
- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições setenta, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.
- \_\_\_\_\_. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes**. Vol.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994. pp. LXVII-LXVIII.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização**. vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.
- MICELI, Sérgio. "Norbert Elias e a questão da determinação". In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 113-128.
- NEIBURG, Frederico. "O nacionalismo das ciências sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social." In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 37-62.
- WAIZBORT, Leopoldo. "Elias e Simmel". In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 89-112.